

# O Mecanismo e a midiaticização ficcional da Operação Lava-Jato<sup>1</sup>

## The Mechanism and the fictional mediatization of Operation Car Wash

### Afonso de Albuquerque

afonsoalbuquerque@id.uff.br

Professor titular da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador geral do MidiÁsia (UFF), Série Clube (UFF) e do Lamide (UFF).

### Melina Meimaridis

melmaridis@hotmail.com

Doutoranda e mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense e graduada em Estudos de Mídia pela mesma Universidade. Pesquisadora associada ao TeleVisões (UFF) e ao projeto Série Clube (UFF).

### Rodrigo Quinan

rodrigoquinan@id.uff.br

Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, onde concluiu sua graduação em Estudos de Mídia. Pesquisador associado ao Lamide (UFF), TeleVisões (UFF) e Série Clube (UFF).

### Resumo

Este artigo explora o papel que a série de televisão *O Mecanismo* (Netflix, 2018-Presente) desempenhou como agente da midiaticização da recente crise política brasileira e, em especial, a Operação Lava-Jato. Partimos do ponto de vista de que a linha que separa a facticidade jornalística da ficção é mais permeável do que costuma supor a literatura acadêmica. Por meio do panorama da midiaticização, discutiremos como a ficção seriada televisiva pode ser considerada mediadora da experiência que os sujeitos têm do seu mundo. Ao analisar *O Mecanismo*, discutiremos como diversos setores da mídia brasileira se esforçaram para remover o PT do poder, principalmente, ao endossar a judicialização da política.

**Palavras-chave:** midiaticização, instituições ficcionais, *O Mecanismo*, Operação Lava-Jato.

### Abstract

This article explores the role that the television series *The Mechanism* (Netflix, 2018-Present) played as a mediatizing agent in the recent Brazilian political crisis and, in particular, the Operation Car Wash. We start from the point of view that the line separating journalistic facticity from fiction is more permeable than academic literature usually supposes. Through the mediatization framework we discuss how serial TV fiction can be considered a mediator of the experience that individuals have of their world. In reviewing *The Mechanism*, we will discuss how various sectors of the Brazilian media maneuvered to remove PT (Worker's Party) from power, especially by endorsing the judicialization of politics.

**Keywords:** mediatization, fictional institutions, *The Mechanism*, Operation Car Wash.

## 1. Introdução

*“O leitor sabe que sempre apoiei a operação Lava-Jato e que chamei Sergio Moro de ‘samurai ronin’, numa alusão à independência política que, acreditava eu, balizava a sua conduta. Pois bem, quero reconhecer o erro que cometi.”*

A crítica do diretor cinematográfico José Padilha ao comportamento do juiz Sérgio Moro à frente da Operação

Lava-Jato ilustra um aspecto muito importante, mas pouco explorado, da atual crise política brasileira: o papel central que a ficção televisiva teve no seu processo de midiaticização. Apoiador de primeira hora da Operação Lava-Jato, Padilha a levou para as telas, de forma ficcional, na série *O Mecanismo* (Netflix, 2018-Presente). Em sua primeira temporada, retratava de forma romântica o processo judicial, como uma cruzada virtuosa dos agentes da lei contra a corrupção no país. Contudo, após as revelações dos bastidores da Operação Lava-Jato, que dão conta da articulação de ações entre juizes e promotores não apenas para condenar líderes petistas, mas também para atacar

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

a sua credibilidade política, Padilha foi obrigado a rever suas posições.

A Operação Lava-Jato teve um imenso impacto na vida política brasileira. Inspirada no exemplo das Operações Mãos Limpas (*Mani Pulite*) da Itália na década de 1990 (Kerche, 2018), ela resultou na prisão de diversos políticos – principalmente aqueles filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT) e seus aliados – e promoveu uma desmoralização das instituições da política representativa (ao associá-las à corrupção), além de uma crescente judicialização da política. De modo mais concreto, a Operação Lava-Jato serviu como um catalisador para o golpe parlamentar contra o governo da presidente Dilma Rousseff, a prisão – com base em provas e procedimentos que se revelaram irregulares e mesmo fraudulentas (Meyer, 2018) – do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que, desse modo foi impedido de disputar as eleições presidenciais de 2018, e finalmente a vitória de Jair Bolsonaro nas mesmas eleições. Vitorioso, Bolsonaro recompensou Moro com um convite para assumir o Ministério da Justiça em seu governo. Moro aceitou o convite.

A Lava-Jato foi um processo intensamente mediatizado. Dados da investigação foram sistematicamente vazados para a imprensa – inclusive uma conversa mantida pela presidente Dilma Rousseff com o ex-presidente Lula – violando a premissa do segredo de Justiça (Meyer, 2018). Por outro lado, Moro não se furtou a citar reportagem publicada no jornal *O Globo* como evidência da corrupção de Lula (Dantas e Dantas, 2017). Tomados em seu conjunto, os dados indicam uma articulação entre setores conservadores da imprensa, do Ministério Público e do Judiciário para remover o PT da Presidência (Albuquerque, 2019).

O processo de midiáticação dá conta de uma interferência crescente dos meios de comunicação nos diferentes processos sociais. Na sua origem – e muito frequentemente – o debate sobre o tema privilegia o papel desempenhado pela instituição jornalística como ator fundamental desse processo. Este artigo explora um aspecto diferente do mesmo processo, tendo em vista o papel que obras ficcionais desempenham como intermediários das relações que os indivíduos estabelecem com o seu entorno. O argumento central do artigo é que as fronteiras entre ficção e facticidade são mais porosas e permeáveis do que se costuma supor e que, portanto, a série *O Mecanismo* deve ser entendida como um aspecto pontual de um processo mais abrangente: o engajamento de setores da mídia brasileira no esforço para retirar o PT do poder por quaisquer meios. O artigo se organiza em três partes: a primeira explora o papel da ficção seriada como mediadora da experiência que os indivíduos têm do seu mundo, valendo-se para tal do conceito de instituições ficcionais; a segunda apresenta *O Mecanismo* como um esforço de ficcionalização de uma trama concreta, envolvendo as instituições políticas brasileiras; a terceira discute o episódio à luz do

debate sobre a midiáticação e explora o seu impacto concreto para a democracia brasileira.

## 2. As instituições sociais ficcionais como mediadoras

As séries ficcionais seriadas televisivas têm gozado de grande popularidade ao redor do mundo. Em um mar de produções disponíveis é interessante notar a forte presença de narrativas institucionais dedicadas a representar o funcionamento de uma determinada instituição social, como o hospital, a polícia e o sistema judiciário. Na televisão brasileira essas instituições têm recebido destaque em dramas como: *Sob Pressão* (Rede Globo, 2017-Presente), *9mm São Paulo* (Fox América Latina, 2008-2011) e *Conselho Tutelar* (Record TV, 2014-2018). A despeito disso, o processo de ficcionalização dessas instituições tem despertado um interesse menor do que o tratamento dispensado a elas por programas ditos informativos, como telejornais e documentários (Schlesinger *et al.*, 1991; Tuchman, 1978), uma vez que programas ficcionais são frequentemente entendidos como pouco capazes de impactar na representação da realidade (Daniel e Musgrave, 2017). Esta regra não é, contudo, absoluta, como o ilustram Van Zoonen (2005) e Donovan e Klahm IV (2015), para quem a fronteira entre realidade e ficção é mais permeável do que se costuma considerar. Cabe destacar que, na década de 1990, vários autores brasileiros incorporaram a ficção televisiva como elemento de análise da política. O modelo de Genário de Representação da Política (CR-P) – elaborado para dar conta do “exercício da hegemonia em sociedades ‘media-centric’ nas quais a TV é o meio de comunicação dominante” (Lima, 1996, p. 253) – incluía a ficção televisiva como um dos elementos da construção midiática da política. Além disso, diversos autores exploraram as representações da política elaboradas por telenovelas brasileiras em contextos eleitorais (Porto, 1998; Weber, 1990). Essa tradição de pesquisa não chegou, contudo, a fincar raízes no país, e um número relativamente pequeno de trabalhos se seguiu a eles.

As instituições sociais desempenham um papel fundamental na objetificação da realidade (Berger e Luckmann, 1991). Essas organizações reforçam nos sujeitos um sentimento de segurança ontológica, isto é, a ideia de que as coisas são como são. Contudo, no contexto da modernidade essas entidades sociais têm se distanciado da tradição e sofrem de “desencaixe” ou um “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens, 1991, p. 24). Esse desencaixe se refere ao funcionamento das instituições sociais para além do conhecimento ou controle dos cidadãos comuns. Dentre os mecanismos de desencaixe chamamos atenção

para os *sistemas peritos*, que podem ser definidos como “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (*ibid.*, p. 35). Esses sistemas são capazes de estruturar variados aspectos do mundo material e social.

Séries institucionais giram em torno de sistemas peritos, como o Judiciário (escritórios de advocacia, Ministério Público, tribunais), a medicina (hospitais, clínicas, ambulâncias), forças policiais (Polícia Civil, Militar), dentre tantos outros. Esses sistemas são dependentes da confiança dos indivíduos no conhecimento de seus peritos, que impede os sujeitos de estarem em um estado constante de insegurança. Na ausência de um conhecimento técnico relacionado a um dado sistema, essa confiança se baseia em “um elemento pragmático na fé, baseado na experiência de que tais sistemas geralmente funcionam como se espera que eles o façam” (*ibid.*, p. 36). Mecanismos de reforço que lembrem constantemente aos indivíduos que as instituições ao seu redor funcionam assumem, aqui, uma importância estratégica.

Sugerimos que as séries institucionais são um destes mecanismos que atuam na construção social da confiança por meio da ficcionalização das instituições sociais. Em particular, observamos uma aproximação das próprias instituições do mundo real com essas produções ficcionais, como, por exemplo, a presença do hospital paulistano Sírio-Libanês no drama médico brasileiro *Unidade Básica* (Universal, 2016). O hospital, além de servir de cenário, contou com a aprovação dos roteiros da série por seus médicos (Furquim, 2016). Pesquisadores estadunidenses já problematizaram a aproximação de instituições como a *American Medical Association* de dramas médicos (Gitlin, 1979; Turow, 2010 [1989]), da *Central Intelligence Agency*, do *Federal Bureau of Investigation* e do próprio Pentágono de dramas policiais (Jenkins, 2016; Robb, 2004). Essas aproximações vão além de um desejo das instituições sociais reais de que as informações relativas a elas e aos seus profissionais sejam “precisas”. Tais entidades reconhecem a ficção como um espaço de autoridade e se utilizam das séries para regular os discursos produzidos pela ficção sobre si mesmas. A confiança nos sistemas peritos é reforçada, aqui, de duas formas: por um lado, as instituições sociais reais emprestam credibilidade a essas narrativas; por outro, as instituições ficcionalizadas apresentam relatos que destacam a confiabilidade dessas instituições. Embora representações disfuncionais de instituições estejam presentes no universo ficcional, em sua maioria as produções as representam como funcionais, eficazes e altamente reguladas.

Relatos que reforcem a impressão de que as instituições estão funcionando adequadamente não têm apenas importância sociológica, mas também política. É dessa perspectiva que consideramos que o drama político

*O Mecanismo* se torna um valioso objeto a ser analisado. Caracterizada pela presidente Dilma como “propaganda política” (Nogueira, 2018), a série foca na atuação de diversas instituições brasileiras nas investigações de um esquema de corrupção, lavagem de dinheiro e propina envolvendo empreiteiras, políticos e empresários. A seguir analisaremos a produção e seu esforço de ficcionalização da trama da Operação Lava-Jato.

### 3. O Mecanismo

Em um projeto para se emancipar do conteúdo de terceiros e, ao mesmo tempo, internacionalizar seu catálogo, a empresa de *streaming* Netflix começa em 2013 uma extensa produção de séries originais, lançadas sob o rótulo *Netflix Originals*. Além das já esperadas grandes produções estadunidenses, a emissora investiu na criação de conteúdo próprio para vários dos países que compõem sua base de assinantes, dentre eles o Brasil. Após a estreia da série de ficção científica *3%* (2016-2018), o drama político *O Mecanismo* saíria em 2018 como a segunda produção brasileira da Netflix.

A figura de José Padilha é essencial para a compreensão da construção política por trás da narrativa de *O Mecanismo*. Brasileiro radicado nos Estados Unidos, o diretor começou sua carreira com o documentário *Ônibus 174* (Zazen Produções, 2002), abordando o famoso sequestro do coletivo que acontecera dois anos antes no Rio de Janeiro e terminara em tragédia. Começava ali uma carreira que teve na violência urbana, corrupção política e disfunção institucional seus temas recorrentes.

O primeiro longa ficcional do diretor, *Tropa de Elite* (Zazen Produções, 2007), obteve grandes bilheterias e foi um dos filmes mais debatidos do ano no Brasil. É a primeira obra de Padilha que constrói ambiguidade entre o real e o ficcional, retratando diretamente instituições do mundo real, como o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, em uma narrativa fictícia com apelo documental, que aborda problemas recorrentes da cidade, como a violência e o tráfico de drogas. A continuação, *Tropa de Elite 2* (Zazen Produções, 2010), usou estratégias semelhantes para representar a atuação das milícias e políticos da vida real (Cherobino, 2016). O retrato da realidade carioca feito por *Tropa de Elite* foi polêmico, ao ponto de o filme ter sido descrito como fascista por parte da crítica (*O Globo*, 2008), por conta do seu uso apelativo da violência, o seu posicionamento agressivamente conservador, que glorifica os atos de tortura e opressão cometidos por policiais contra não apenas criminosos, mas também moradores pobres das favelas e dependentes químicos. Pode-se dizer que o filme antecipa, em alguns aspectos, *O Mecanismo*, na medida em que propõe atitudes arbitrarias

como solução única para notórios problemas como a criminalidade e a corrupção no Brasil.

A primeira colaboração de Padilha com a Netflix viria em *Narcos* (2015-2017), drama policial onde desempenhou o papel de diretor e produtor-executivo. A série repetia o discurso conservador da “guerra às drogas” de *Tropa de Elite*, desta vez acrescentando um componente neocolonial ao contar com a narração de Steve Murphy (Boyd Holbrook), um agente estadunidense da *Drug Enforcement Agency*, nas investigações contra o traficante colombiano Pablo Escobar. Trata-se de mais uma reinterpretação seletiva de eventos reais em que a empresa estadunidense se posiciona como mediadora e intérprete (Meimaridis, Mazur e Rios, 2020).

Com Padilha desta vez creditado como criador, ao lado da roteirista Elena Soárez, a primeira temporada de *O Mecanismo* foi disponibilizada em março de 2018 no catálogo global da Netflix. A série se baseou no livro *Lava Jato – O Juiz Sérgio Moro e os Bastidores da Operação que Abalou o Brasil* (2016), de autoria do jornalista Vladimir Netto. O primeiro ano do drama desenvolve seu enredo em Curitiba (PR), onde busca mostrar o nascimento da Operação Lava-Jato através dos olhos de investigadores da Polícia Federal do Brasil. Apresentado como “obra de ficção livremente inspirada em eventos reais” (Shalders, 2018), *O Mecanismo* utiliza nomes fictícios para indivíduos e organizações do mundo real, embora semelhanças estéticas tornem fácil a identificação de cada um deles.

Como *Tropa de Elite*, a série constrói a figura do policial como heroica. O personagem principal, Marco Ruffo (Selton Mello), é apresentado como delegado honesto, portador de traumas e transtornos psicológicos por ser contra o “sistema”, eternamente perseguido e descredibilizado por superiores por tentar denunciar um esquema de lavagem do doleiro Ibrahim (Enrique Díaz), nome fictício usado para descrever Alberto Youssef. Figuras públicas centrais da Operação Lava-Jato logo aparecem, como Sérgio Moro, tratado como “Rigo” (Otto Jr.), bravamente disposto a levar as investigações adiante.

A série constrói um retrato maniqueísta, sem zonas cinzentas, que opõe policiais honestos – que enfrentam dificuldades econômicas e perseguições políticas – a empreiteiros, doleiros e políticos corruptos, que desviam dinheiro público para gastar com carros, mansões e prostitutas de luxo. Em face da gravidade assumida pelo problema da corrupção no país, medidas excepcionais e arbitrarias são apresentadas como inevitáveis. Um exemplo notável dessa lógica ocorre quando o personagem João Pedro Rangel (Leonardo Medeiros) – inspirado no então diretor da Petrobrás Paulo Roberto Costa – é colocado em uma prisão estadual, junto com presos pobres e violentos (em um dos raros episódios em que a série conta com atores negros), como estratégia dos personagens policiais para que ele confesse e entregue nomes do esquema de

corrupção. A cena recupera dois elementos marcantes da narrativa de *Tropa de Elite*: a coerção/tortura de suspeitos justificada como um instrumento legítimo na busca da justiça e a associação entre pobreza e criminalidade.

Os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff são retratados de maneira caricata pela série – ficcionalizados nos personagens Higino (Arthur Kohl) e Ruscov (Sura Berditchevsky). Tal como em famosa capa da revista *Vêja* de 2014, ambos “sabem de tudo” (Bonin, 2014) e se articulam o tempo inteiro para tentar frear e parar as investigações. De fato, a série atribui a Lula, descrito como o grande mestre por detrás da corrupção no país, as falas “um grande acordo nacional” e “estancar a sangria”, que foram ditas na vida real pelo político Romero Jucá. Padilha minimizou o problema dizendo que todos “faziam parte do mesmo sistema” (Ribeiro, 2018). Dilma é mostrada como arrogante e problemática até mesmo para o ex-presidente. Lula e Dilma Rousseff anunciaram intenções de processar a série por considerar seu retrato mentiroso (El País, 2018). O candidato do PSDB naquela eleição, Aécio Neves (Lúcio Lemes), e o vice-presidente Michel Temer (Samuel Thames), que tomaria o cargo após o *impeachment* de Dilma, são retratados na série apenas momentaneamente, mas também como cientes de todo o processo de corrupção.

Para além de personagens específicos, *O Mecanismo* retrata o próprio Brasil, de modo geral, em termos profundamente negativos, associando o país como um todo ao fenômeno da corrupção, através de frases como “O Brasil não é para iniciantes” e “O sistema no Brasil é um câncer”. Esse elemento não é de pouca importância, considerando-se a influência que os Estados Unidos exerceram na Operação Lava-Jato em diversos níveis, incluindo a colaboração ilegal entre o procurador Deltan Dallagnol e o juiz Sérgio Moro com o FBI e o Departamento de Justiça daquele país, evidenciada recentemente por vazamentos do *The Intercept Brasil* (Fishman, Viana e Saleh, 2020).

Neste sentido, *O Mecanismo* – distribuído globalmente por uma empresa sediada nos Estados Unidos – pode ser entendido como um importante instrumento de legitimação da Operação Lava-Jato junto à opinião pública internacional. Nota-se que a série também se insere dentro da estratégia da empresa estadunidense de dramas nacionais centrados em corrupção, como a indiana *Sacred Games* (Netflix, 2018) e a italiana *Suburra* (Netflix, 2017-) (Meimaridis, Mazur e Rios, 2020). *O Mecanismo* teve uma repercussão bastante favorável junto ao público estadunidense, como indicam os seguintes exemplos de críticas especializadas: “[...] soberba televisão, uma complexa trama policial na veia de *The Wire* e uma útil base para entender as manchetes no Brasil” (Antrim, 2018; tradução nossa); “A imersão na conspiração criminal é fascinante, especialmente sabendo que é, pelo menos



parcialmente, baseada em fatos reais” (Thomas, 2018; tradução nossa); “[...] competente série policial, operando em uma grande escala histórica” (Yeoman, 2018; tradução nossa). No agregado estadunidense de críticas *Rotten Tomatoes*, a primeira temporada de *O Mecanismo* tem 80% de aprovação da crítica, recebendo 78% de aprovação da audiência (Rotten Tomatoes, 2018).

#### 4. Ficção televisiva e midiatização da política em *O Mecanismo*

Em linhas gerais, o termo “midiatização” se refere ao papel cada vez mais central que os meios de comunicação desempenham como mediadoras de diversos âmbitos da vida social. As origens do conceito podem ser traçadas pelo menos até a obra seminal dos pesquisadores estadunidenses Altheide e Snow (1979), que estão entre os primeiros a sugerir que a mídia não deveria ser olhada como um fator particular que afeta outros, mas um tipo de lógica que influenciaria a lógica de outras instituições sociais. Contudo, o conceito de midiatização propriamente dito se desenvolveu na Europa, tendo em Gianpetro Mazzoleni um dos seus principais formuladores. De fato, em 1987 ele publicou um artigo que descrevia a mudança da lógica da política para a lógica midiática nas eleições italianas de 1983. O conceito depois evoluiu para midiatização da política, para dar conta de um processo mais abrangente no qual as instituições políticas se tornavam crescentemente dependentes dos meios de comunicação em seu modo de atuação (Esser e Strömbäck, 2014; Mazzoleni e Schulz, 1999), e, daí, para uma midiatização da cultura e da sociedade (Hjarvard, 2003). Cabe destacar que uma reflexão de caráter semelhante se desenvolveu no Brasil, tendo como protagonista Antonio Rubim (2002), que, a partir da década de 1990, apresentou diversos trabalhos com base no conceito de “idade mídia”.

No que diz respeito ao campo da política, o debate sobre a midiatização tende a enfatizar primariamente o papel que o jornalismo desempenha como agente definidor da realidade e, mais recentemente, das mídias sociais. Nesse panorama, a análise do papel que *O Mecanismo* desempenhou como elemento constitutivo da crise política brasileira apresenta elementos de novidade relevantes. A bem da verdade, é preciso dizer que nossa proposta não é inteiramente original, dado que, na década de 1990, vários autores brasileiros incorporaram a ficção televisiva como elemento de análise da política. O modelo de Cenário de Representação da Política (CR-P), proposto por Lima (1996), incluía a ficção televisiva como um dos elementos da construção midiática da política. Além disso, diversos autores exploraram as representações da política elaboradas por telenovelas brasileiras em contextos eleitorais (Porto, 1998; Weber, 1990).

O que torna o caso de *O Mecanismo* particularmente interessante é o fato de as fronteiras entre os domínios da “informação” e da “ficção” se embaralharem de diversas maneiras. Isso acontece por diferentes razões. Em primeiro lugar, as séries televisivas se tornaram um veículo importante para a construção de expectativas sobre o modo como as instituições da sociedade funcionam (ou deveriam funcionar). Não se trata, aqui, de sugerir que as séries descrevam tais instituições “do modo como elas são”, ou mesmo que elas tenham necessariamente pretensões realistas. Nosso argumento é que, ficcionais ou não, elas oferecem modelos críveis do funcionamento dessas instituições que, na falta de outros elementos, podem ser usados por pessoas concretas para moldar suas expectativas sobre a realidade.

Um segundo elemento diz respeito à própria trajetória de Padilha como realizador audiovisual, visto que sua obra cinematográfica e televisiva sempre se construiu num lugar intermediário entre o olhar documental e o ficcional. *Tropa de Elite*, o seu grande sucesso cinematográfico, é inspirado nas memórias de Rodrigo Pimentel, ex-capitão do BOPE. A série *Narcos*, sucesso da Netflix que precedeu *O Mecanismo*, é livremente inspirada na vida do traficante colombiano Pablo Escobar. *O Mecanismo* se distingue dessas obras, porém, pelo fato de se tratar de uma ficcionalização de um evento contemporâneo, do qual o próprio Padilha se tornou personagem, uma vez que, paralelamente à sua atuação como realizador, ele atuou politicamente a favor da Operação Lava-Jato.

Contudo, o aspecto mais fascinante do processo de midiatização da Operação Lava-Jato, tal como promovido ficcionalmente por *O Mecanismo*, diz respeito aos impasses que se apresentaram ao universo da representação ficcional a partir das revelações da série de reportagens denominada *Vaza Jato*, do *Intercept Brasil*. Com base em material trocado por agentes do Judiciário e Ministério Público por meio de suas contas no aplicativo *Telegram*, essas reportagens evidenciaram os elementos de conspiração por detrás da Operação Lava-Jato, tais como o seu viés político anti-PT e, ainda mais importante, as evidências de que o juiz Moro atuou em conjunto com a equipe de promotores para produzir provas contra Lula, manipular a opinião pública e, dessa forma, influenciar a sua condenação. Desse modo, a *Vaza Jato* desconstruiu a narrativa ficcional produzida por *O Mecanismo* e obrigou Padilha a se posicionar publicamente sobre os acontecimentos e seu impacto sobre a série, como vimos na epígrafe. A relação entre *O Mecanismo*, a Operação Lava-Jato e a série de reportagens *Vaza Jato* dá conta, portanto, de um complexo processo de midiatização, que põe em questão as fronteiras que realidade e ficção mantêm no panorama da sociedade brasileira contemporânea.

## 5. Considerações finais

Este artigo explorou o caso da série *O Mecanismo*, veiculada pelo serviço de *streaming* Netflix, à luz da teoria da midiáticação. Em linhas gerais, o conceito de midiáticação dá conta do papel cada vez mais importante que os meios de comunicação desempenham como elementos definidores de diversos aspectos da experiência social. Em especial, uma grande dose de atenção tem sido dispensada à influência que a mídia desempenha junto ao campo político. A crise política brasileira que levou à queda da presidente Dilma Rousseff foi um processo intensamente midiaticado. A noção de que o governo do PT era intrinsecamente corrupto foi intensamente construída pelos noticiários ao longo de mais de uma década antes do *impeachment* da presidente Dilma, principalmente a partir do lançamento da Operação Lava-Jato, em 2014. Supostas evidências da corrupção do regime (e do ex-presidente Lula) foram exibidas diariamente, consolidando a ideia de que o governo do PT havia afundado em um mar de lama.

Tão importante quanto tenha sido o papel das instituições jornalísticas nesse processo, ele foi complementado por outros recursos, dentro da lógica da midiáticação. Argumentamos que *O Mecanismo* oferece um exemplo relevante do modo como produções ficcionais se inserem na teia mais ampla da midiáticação. Livremente inspirado nos acontecimentos políticos contemporâneos no país, *O Mecanismo* apresenta uma versão maniqueísta e parcial da crise política brasileira, na medida em que descreve como heróis abnegados o juiz e as forças policiais à frente da Operação Lava-Jato e desqualifica políticos em geral, e aqueles ligados ao PT de modo particular. As revelações, com base em vazamentos de conversas entre os integrantes da cúpula da Lava-Jato, feitas pelo *Intercept Brasil* serviram para evidenciar as relações nada banais entre os universos da realidade e ficção no processo, visto que, constrangido pelas informações, o diretor da série José Padilha veio a público demonstrar arrependimento pelo modo como havia retratado Sérgio Moro em sua narrativa. Dessa forma, fica evidenciado o uso político de uma narrativa ficcional.

## Referências

ALBUQUERQUE, A. 2019. Protecting Democracy or Conspiring against It? Media and Politics in Latin America: A Glimpse from Brazil. *Journalism*, **20**(7):906-923.

ALTHEIDE, D.L.; SNOW, R.P. 1979. *Media Logic*. Beverly Hills, Sage.

ANTRIM, T. 2018. Netflix Drama 'The Mechanism', Already Causing an Uproar in Brazil, Is Set to Be Your Next Binge-Watch. *Vogue*. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/netflix-the-mechanism-brazil>. Acesso em: 20/07/2020.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. 1991. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. London, UK, Penguin.

BONIN, R. 2014. Dilma e Lula sabiam de tudo, diz Alberto Youssef à PF. *Revista Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/dilma-e-lula-sabiam-de-tudo-diz-alberto-youssef-a-pf/>. Acesso em: 04/02/2014.

CHEROBINO, V. 2016. Freixo e o Verdadeiro Fraga. *Super Interessante*, Grupo Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/freixo-o-verdadeiro-fraga/>. Acesso em: 20/07/2020.

DANIEL III, J.F.; MUSGRAVE, P. 2017. Synthetic Experiences: How Popular Culture Matters for Images of International Relations. *International Studies Quarterly*, **61**(3):503-516.

DANTAS, D.; DANTAS, T. 2017. Moro cita reportagem do Globo de 2010 em sentença que condenou Lula. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/moro-cita-reportagem-do-globo-de-2010-em-sentenca-que-condenou-lula-21583995>. Acesso em: 22/12/2019.

DONOVAN, K.M.; KLAHM IV, C.F. 2015. The Role of Entertainment Media in Perceptions of Police Use of Force. *Criminal Justice and Behavior*, **42**(12):1261-1281.

ESSER, F.; STRÖMBÄCK, J. (eds.). 2014. *Mediatization of Politics: Understanding the Transformation of Western Democracies*. New York, Palgrave Macmillan.

EL PAÍS. 2018. Lula afirma que processará 'O Mecanismo': "Não vou aceitar isso". Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/29/politica/1522290778\\_237636.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/29/politica/1522290778_237636.html). Acesso em: 20/07/2020.

FISHMAN, A.; VIANA, N.; SALEH, M. 2020. "EUA estão com a faca e o queijo na mão". *The Intercept Brasil*. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/12/lava-jato-driblou-governo-ajudar-americanos-doj/>. Acesso em: 20/07/2020.

FURQUIM, F. 2016. Canal Universal estreia a série brasileira 'Unidade Básica'. *Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/canal-universal-estrea-a-serie-brasileira-8216-unidade-basica-8217/>. Acesso em: 22/12/2019.

GIDDENS, A. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da UNESP.

GITLIN, T. 1979. The Televised Professional. In: F. RIESSMAN; A. GARTNER; C. GREER (org.), *Consumer Education in the Human Services*. New York, Pergamon, p. 198-207.

HJARVARD, S. 2003. *The Mediatization of Culture and Society*. New York, Routledge.

INTERCEPT BRASIL. 2019. As mensagens secretas da Lava Jato. *Intercept Brasil*. Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>. Acesso em: 22/12/2019.

JENKINS, T. 2016. *The CIA in Hollywood: How the Agency Shapes Film and Television*. Austin, University of Texas Press.

KERCHE, F. 2018. Ministério Público, Lava Jato e Mãos Limpas: uma abordagem institucional. *Lua Nova*, **105**:255-286.

LIMA, V.A. 1996. Os mídia e o Cenário de Representação da Política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, **38**:239-271.

MAZZOLENI, G. 1987. Media Logic and Party Logic in Campaign Coverage. *European Journal of Communication*, **2**(1):81-103.

MAZZOLENI, G.; SCHULZ, W. 1999. Mediatization of Politics: A Challenge for Democracy? *Political Communication*, **16**(3):47-261.

MEIMARIDIS, M.; MAZUR, D.; RIOS, D. 2020. A empreitada global da Netflix: uma análise das estratégias da empresa em mercados periféricos. *Revista GEMInS*, **11**(1):4-30.

- MEYER, E.P.N. 2018. Judges and Courts Destabilizing Constitutionalism: The Brazilian Judiciary Branch's Political and Authoritarian Character. *German Law Journal*, **19**(4):727-768.
- NETTO, V. 2016. *Lava Jato – O juiz Sergio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil*. Rio de Janeiro, Primeira Pessoa.
- NOGUEIRA, I. 2018. 'Netflix Não Está Sabendo Onde Se Meteu', diz Dilma sobre o Mecanismo. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/dilma-diz-que-alertara-liderancas-estrangeiras-contr-netflix.shtml>. Acesso em: 20/07/2020.
- O GLOBO. 2008. 'Tropa de Elite' é fascista, declara crítico da 'Variety'. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/tropa-de-elite-fascista-declara-critico-da-variety-3633025>. Acesso em: 20/07/2020.
- PORTO, M.P. 1998. Television and Politics in the 1994 Brazilian Presidential Election. *The Communication Review*, **2**(4):433-459.
- ROBB, D.L. 2004. *Operation Hollywood: How the Pentagon Shapes and Censors the Movies*. Buffalo, Prometheus Books.
- RIBEIRO, F. 2018. O Mecanismo: José Padilha comenta críticas. *Terra*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/cinema/adorocinema/o-mecanismo-jose-padilha-comenta-criticas-sobre-colocar-lula-falando-frase-de-romero-juca,5d89ce9a5e838fd0fa26c2a34f15c9dc54trjcnz.html>. Acesso em: 20/07/2020.
- ROBB, D.L. 2004. *Operation Hollywood: How the Pentagon Shapes and Censors the Movies*. New York, Prometheus Books.
- ROTTEN TOMATOES. 2018. The Mechanism: Season 1 (2018). Disponível em: [https://www.rottentomatoes.com/tv/the\\_mechanism/s01](https://www.rottentomatoes.com/tv/the_mechanism/s01). Acesso em: 20/07/2020.
- RUBIM, A.A.C. 2002. Eleições e (Idade) Mídia. In: C. BARROS FILHO (org.), *Comunicação na Polis*. Petrópolis, Vozes, p. 40-59.
- SHALDERS, A. 2018. O que é verdade e o que é invenção em 'O Mecanismo', a série da Netflix sobre a Lava Jato. *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43550506>. Acesso em: 20/07/2020.
- SCHLESINGER, P.; TUMBER, H.; MURDOCK, G. 1991. The Media Politics of Crime and Criminal Justice. *British Journal of Sociology*, **42**(3):397-420.
- THOMAS, R. 2018. Bingeworthy: Netflix's 'The Mechanism' Exposes Corruption in Brazilian Government. *Madison*. Disponível em: [https://madison.com/ct/entertainment/television/bingeworthy-netflix-s-mechanism-exposes-corruption-in-brazilian-government/article\\_ce982143-1631-5e10-a8b5-94e4eadc2124.html](https://madison.com/ct/entertainment/television/bingeworthy-netflix-s-mechanism-exposes-corruption-in-brazilian-government/article_ce982143-1631-5e10-a8b5-94e4eadc2124.html). Acesso em: 20/07/2020.
- TUCHMAN, G. 1978. *Making News: A Study in the Construction of Reality*. New York, Free Press.
- TUROW, J. 2010. *Playing Doctor*. New York, Oxford University Press.
- VAN ZOONEN, L. 2005. *Entertaining the Citizen: When Politics and Popular Culture Converge*. Lanham, Maryland, Rowman & Littlefield.
- WEBER, M.H. 1990. Pedagogias de despolitização e desqualificação da política brasileira (as telenovelas da Globo nas eleições de 1989). *Comunicação & Política*, **1**:67-84.
- YEOMAN, K. 2018. Netflix's The Mechanism Premiere Review: A Spiritual Successor to Narcos. *Screenrant*. Disponível em: <https://screenrant.com/netflix-mechanism-premiere-review-jose-padilha/>. Acesso em: 20/07/2020.

Artigo submetido em 22-12-2019  
Aceito em 10-11-2020